

## 1996

# EM BUSCA DA PAZ NO TRÂNSITO

(BRASILIENSES SE MOBILIZAM)



ANDRESSA E SUA MÃE, FLORA: UNIÃO PARA PEDIR PRUDÊNCIA AOS MOTORISTAS

Ronaldo de Oliveira/CBDA Press

ROVÊNIA AMORIM

Se uma passeata fosse marcada para hoje no Eixão Sul com todos vestidos de branco pedindo paz no trânsito, a pequena Andressa Paulino, 12 anos, estaria lá com a mãe, em meio à multidão. “Tem motorista de ônibus e de carro que corre muito. Isso é perigoso”, diz a menina, aluna de boas notas da 6ª série da Escola Classe 405 Sul. Filha única da copeira Flora Paulino da Silva, 35 anos, Andressa nasceu em 15 de setembro de 1996, dia em que 25 mil brasilienses caminharam, a passos lentos, com faixas de protesto e de esperança pelo Eixão Sul para pedir um basta à violência nas pistas.

Em 1996, o trânsito matava mais que hoje. As pistas eram livres de pardais; não se respeitavam os limite de velocidade e nem o pedestre na travessia. No ano em que o brasiliense foi às ruas clamando pelas vidas perdidas, as estatísticas contabilizaram 545 acidentes com vítimas fatais — num total de 610 pessoas mortas. Em 2008, o número de acidentes foi de 416 e de mortos, 454. Em 1996, 266 pedestres faleceram; no ano passado foram 157. Brasília era duas vezes mais violenta no trânsito do que São Paulo e 10 vezes mais que Chicago, nos Estados Unidos.

As campanhas que se seguiram à passeata, além de melhorar a sinalização, contribuíram para frear a violência nas vias. Apesar da redução nas estatísticas de morte, Flora e a filha não se sentem seguras. Acham o trânsito perigoso. “A impressão que a gente tem é que naquela época havia mais paz no trânsito”, surpreende-se Flora, ao saber das estatísticas do Departamento de Trânsito (Detran-DF).

A queixa dela tem a ver com a quantidade de carros nas ruas. “Os motoristas estão estressados. Tem dia que levo duas horas para chegar em casa por conta dos engarrafamentos”, diz a moradora do Riacho Fundo I e que trabalha no início da Asa Norte. Há muito mais carros nas ruas. Desde 2000, a frota de veículos mais que dobrou —

## E MAIS...

Em 1996 a África do Sul aboliu a política do apartheid. A violência, porém, imperou no Brasil com o massacre em Eldorado dos Carajás, no Pará, quando 19 sem-terra foram assassinados por policiais. Tragédia com o Fokker 100 da TAM, que caiu sobre área residencial, a 1.200 metros da pista do Aeroporto de Congonhas, matando 98 pessoas. Outro acidente aéreo matou o grupo Mamonas Assassinas, no auge do sucesso. Tristeza também pela morte de Renato Russo, da Legião Urbana. Nas Olimpíadas de Atlanta, o Brasil ganhou 15 medalhas, até então a melhor campanha brasileira.

são mais de 1 milhão de carros pelas vias, o que torna o fluxo lento demais nos horários de pico.

Apesar dos exemplos de incivilidade, de motoristas irritados, que estacionam onde não pode e ultrapassam até sinal vermelho, ela orienta a filha a só atravessar a faixa após fazer o sinal e os carros pararem.

A violência no trânsito que assustou e assusta o brasiliense é freada por pardais, barreiras eletrônicas e blitzes que flagram e punem com rigor. Só assim o brasiliense habituou-se a reduzir a velocidade em pistas largas e retas. “A paz no trânsito hoje é o pardal e a barreira que multam. Mas para a geração de 1996, da paz no trânsito, pode ser que a conscientização funcione. Ainda há tempo”, comenta a bióloga June Freitas, 50 anos, mãe de uma única filha — Marina

Freitas de Pádua, também nascida no ano da passeata pela paz no trânsito. Marina não tinha ainda ouvido falar da campanha de 1996, iniciada pelas reportagens diárias do Correio, que tornaram o motorista

brasiliense mais civilizado. Brasília era um exemplo de vergonha para o país. Em 1995, o trânsito matou 40 de cada 100 mil habitantes, mais do dobro da média nacional.

Mesmo sem saber do local do protesto, que reuniu pais, filhos, pobres e ricos, empresários, estudantes e políticos numa mobilização popular com repercussão na imprensa nacional e internacional, a estudante de 12 anos comentou sobre o Eixo Rodoviário e as seis faixas de rolamento. “Tem muito acidente no Eixão. Os carros passam velozes e são várias pistas juntas. É perigoso”, observa ela.

E, com razão. O excesso de velocidade é responsável por 95% dos acidentes com morte. Mais já foi bem pior. Antes dos pardais que forçam o motorista a trafegar em 80 quilômetros por hora, 85% dos veículos ultrapassavam a velocidade da via. Três meses após o início da fiscalização eletrônica, o percentual de infração era inferior a 1%. No dia da caminhada, os 25 mil brasilienses seguiram três quilômetros pelo “Eixão da Morte” em silêncio, com carros de som tocando clássicos. Não foi dia de discurso, mas do puro exercício de cidadania.

A Paz no Trânsito ganhou um símbolo, uma placa de trânsito redonda com uma mão aberta ao centro. Saiu das páginas do Correio para ganhar as ruas, em forma de bôtons e cartazes. O resultado foi imediato: caiu em mais de 30% a velocidade nas vias e o número de acidentes naquele mês foi menor do que o de setembro de 1995. Era o basta do brasiliense para a violência nas pistas. A repercussão positiva nas estatísticas apressou a aprovação do Novo Código Brasileiro de Trânsito, que tramitava havia seis anos no Congresso. Era o exemplo de Brasília para o Brasil.